



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da nova fábrica da Pirelli**

Feira de Santana-BA, 12 de setembro de 2003

Excelentíssimo senhor Paulo Souto, governador do estado da Bahia, e
sua senhora, primeira-dama do Estado, Isabel Souto,

Minha querida companheira Marisa,

Excelentíssimo senhor Vincenzo Petrini, embaixador da Itália no Brasil,

Excelentíssimo senhor Marco Tronchetti, presidente do Grupo Pirelli e da
Telecom Itália,

Meu caro Giorgio della Seta, presidente do Grupo Pirelli e da Telecom
Itália para a América Latina com quem, no começo do ano, eu assumi o
compromisso, lá no estado do Acre, de vir à inauguração da Pirelli em Feira de
Santana,

Meu caro companheiro Cristovam Buarque, ministro da Educação,

Meu companheiro Jacques Wagner, ministro do Trabalho e Emprego,

Minha querida Marina, ministra do Meio Ambiente,

Meu caro Agnelo Queiroz, ministro dos Esportes,

Meus caros deputados federais. Eu não tenho aqui a lista dos estaduais.

Deputado Nelson Pellegrino, deputado Colbert Martins, deputada Alice
Portugal, Edson Duarte, deputado Daniel Almeida, deputado Luiz Alberto,
deputado Aroldo Cedraz, deputado Jairo Carneiro, deputado Luiz Bassuma,
deputado Paulo Magalhães, deputado Antônio Carlos Magalhães Neto,
deputado Fernando de Fabinho, deputado José Carlos Aleluia, deputado
Gerson Gabrielli, deputado Jorge Cury,

Meu caro José Ronaldo de Carvalho, prefeito de Feira de Santana,

Deputados estaduais,

Prefeitos de outras cidades que estão aqui prestigiando esta



inauguração,

Vereadores,

Funcionários da Pirelli, funcionárias,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu estou convencido de que o Brasil está vivendo um momento excepcional para a retomada do crescimento. O Brasil já superou parte dos graves problemas que nós tínhamos no começo do ano.

O governador Paulo Souto e os deputados, independentemente do partido a que pertençam, os prefeitos e a Imprensa têm consciência de que quando eu tomei posse eu assumi o compromisso de que não ia ficar chorando o que não tinha sido feito, e não queria ficar culpando os meus antecessores pelas dificuldades que eu tinha encontrado. Queria olhar para a frente sabendo que tinha um mandato de quatro anos e que, neste mandato, eu precisaria cumprir a grande maioria das coisas com que assumi compromisso durante uma história de vida, mesmo quando eu não era dirigente político e dirigente sindical.

E fiz isso porque entendia que era preciso primeiro, recuperar a auto-estima do povo brasileiro. Segundo, era preciso conquistar a credibilidade externa, que estava muito abalada. E, terceiro, era preciso conquistar a credibilidade interna no nosso país. E isso nós conseguimos. E conseguimos com uma estratégia de levar o Brasil a um lugar em que muita gente acreditava que o Brasil não poderia ir. É só acompanharem os noticiários dos jornais de ontem e de hoje que vocês irão perceber que o Brasil é a peça mais importante no encontro que está sendo realizado em Cancun, para discutir uma nova relação comercial.

E por que o Brasil se transformou numa peça importante? Por que o Brasil se transformou num protagonista, e não num coadjuvante, nesse encontro de Cancun?



Porque o Brasil acreditou que se não tinha força tecnológica, se não tinha uma economia muito forte para competir com a União Européia ou com os Estados Unidos, era preciso construir um leque de alianças entre países. Países que pudessem combinar uma força capaz de fazer com que nos tornássemos iguais àqueles que têm o potencial econômico e, por conseguinte, o potencial de praticar o protecionismo de que tanto nos criticam.

Fizemos isso cumprindo etapas. Primeiro, era preciso recuperar o prestígio do Mercosul em nível internacional. Segundo, era preciso convencer outros países que era fundamental entrarem no Mercosul e, terceiro, era preciso extrapolar do Mercosul para outros países.

Criamos o G3, um grupo que envolve Brasil, África do Sul e Índia. Pretendemos logo, logo, trazer a China e a Rússia para esse grupo. Depois, criamos o Grupo dos 21, que envolve o Brasil e mais 20 países importantes, dentre os quais a China, a Índia e tantos outros países da América do Sul e da América Latina.

Vamos agora para a África. Em dezembro, vamos para o mundo árabe visitar seis países, porque um país que tem a importância do Brasil não pode ficar esperando que os outros o descubram. Nós é que temos que descobrir o que existe no mundo, para que o Brasil possa tirar proveito dessa relação e dessas negociações.

Isso está colocando o Brasil numa situação, de certa forma, excepcional. Nós, que tínhamos uma inflação assustadora, prevista para 40%, estamos trabalhando com uma inflação de menos de 7% para o próximo ano.

Nós temos consciência, governador, deputados, direção da Pirelli, que reconquistamos a credibilidade internacional e estamos tão tranquilos que eu posso olhar para vocês e dizer: embora esteja vencendo o acordo com o FMI, nós estamos muito à vontade para fazer um outro acordo ou para não fazer um acordo.

Não estamos com a corda no pescoço e muito menos com uma espada



na nossa cabeça. Estamos tranquilos para tomar uma decisão em função dos interesses eminentemente brasileiros. Estamos tranquilos para tomar uma decisão em função dos interesses do crescimento do nosso país.

Não queremos fazer disso nenhum embate ideológico. Queremos analisar, no momento certo, se compensa ou não. E, se compensa, em que bases iremos fazer esse acordo.

O que eu posso assegurar para vocês é que, se houve algum tempo em que o Brasil entrou para negociar numa situação desfavorável, porque estava quase pedindo “pelo amor de Deus” um financiamento, neste momento nós entraremos de cabeça erguida, de preferência sem mau humor, para negociar em função dos interesses do nosso querido país.

Podem ficar certos de que não haverá nenhum preconceito em sentar com a direção do FMI, aqui no Brasil, ou em qualquer lugar do mundo. Não haverá nenhum comportamento ideológico para dizer: queremos um acordo ou não queremos um acordo. O que vai prevalecer são os interesses do desenvolvimento nacional. Desenvolvimento esse que não aconteceu há mais tempo porque, lamentavelmente, neste país, durante vários anos, alguns ousaram dizer que o Brasil não precisava de política industrial. E a área de planejamento deste país foi praticamente abandonada e deixou-se o país à mercê da sua própria sorte.

É verdade que o Estado não pode ser o Estado empresarial. É verdade que o Estado não pode se meter em coisas que a sociedade tem mais competência, mais agilidade e mais experiência do que o próprio Estado. Mas é verdade, também, que o Brasil ainda tem regiões aonde não chegou a primeira revolução industrial: temos regiões aonde não chegou, ainda, a segunda revolução industrial; e temos regiões aonde já chegou a terceira, a quarta e já estamos chegando àquilo que a gente poderia considerar como igualdade de condições com qualquer país do mundo, inclusive em tecnologia de ponta.



E é exatamente por essa diferença regional que o Estado não pode prescindir de ser o indutor do planejamento, para transformar as regiões diferenciadas e torná-las um pouco mais iguais do ponto de vista do crescimento econômico e do desenvolvimento. E foi por isso que fizemos o Plano Plurianual.

Muitas vezes, neste país – e aqui tem gente que sabe do que eu estou falando – se fazia um Plano Plurianual como uma peça apenas para mostrar o potencial que este país tinha. E se fazia de uma forma meio complicada, porque se gastava muito dinheiro contratando consultorias. Cada consultoria apresentava um monte de projetos. E aquilo formava um grande projeto para o Brasil.

Pela primeira vez tentamos inovar. Não ainda com a perfeição que gostaríamos, mas em todos os estados, todos os governadores, todos os prefeitos das capitais, todos os deputados e organizações da sociedade foram convidados a participar e a discutir o desenvolvimento nacional, a partir da realidade do seu estado. Porque um dos defeitos do Brasil é pensar o Brasil a partir de Brasília, apenas nacionalmente, sem levar em conta a combinação entre o nacional, o regional e o setorial. Isso fez com que, durante muitos anos, apenas algumas partes do Brasil, ou aquelas que tinham poder de influência junto aos presidentes da República, aos governantes, recebiam alguns benefícios. Os demais ficavam fora.

Eu tenho dito para todo mundo ouvir: sou Presidente de um país de 176 milhões de habitantes, oito milhões e meio de quilômetros quadrados. Portanto, eu não faço distinção entre o Nordeste, o Sul e o Sudeste. Mas o meu compromisso com o Nordeste é de sangue. Não é possível continuar explicando, em qualquer lugar do mundo que se vá, porque o Nordeste continua sendo a parte pobre deste país. Porque o semiárido nordestino continua sendo, ainda, a parte mais sofrida deste país.

Eu tenho dito que vou fazer as coisas que não prometi. Eu sei, de viajar



por este país afora, que todos os candidatos a Presidente iam no tal do marco zero de uma estrada, no marco zero de uma ferrovia para tirar fotografia, assumindo um compromisso. Aqui mesmo na Bahia, muitas vezes, candidatos vieram aqui. A Bahia era contra mexer na transposição das águas; o Ceará era favorável; a Paraíba era favorável; Sergipe era contra. Eu nunca prometi fazer. Eu não sei como é que nós vamos fazer, mas vamos fazer o debate mais sério já feito na história deste país para que a gente possa conseguir não apenas revitalizar o rio São Francisco, mas que a gente possa, numa combinação entre a Bacia do São Francisco e outras Bacias, atender aquela parte do Nordeste que a natureza deixou que o sol bebesse mais água do que a quantidade de água que cai.

Não vamos transformar isso num projeto de interesse apenas dos estados que vão ser beneficiados. É um projeto nacional, porque o dia em que o Nordeste conseguir, na sua parte mais pobre, dar um salto de qualidade no seu desenvolvimento, nós corremos um bom risco de termos, daqui a trinta anos, um vale do Tennessee aqui no nosso país.

Eu não posso acreditar que a gente não consiga transformar um projeto do Nordeste num projeto nacional, em que todos tenham consciência de que na hora em que conseguirmos desenvolver o Nordeste estaremos desenvolvendo outros estados da Federação. Do Sul, do Chuí ao Oiapoque, todo mundo estará ganhando com o desenvolvimento do Nordeste brasileiro.

Da mesma forma, hoje se discute muito a questão da refinaria. Vamos ser francos: se depender apenas dos interesses empresariais da Petrobrás, ela não tem por quê fazer uma nova refinaria. Aqui deve ter alguém ligado ao setor de petróleo, e vocês sabem perfeitamente bem que já está determinado pela Petrobrás gastar R\$ 1 bilhão para recuperar a refinaria Duque de Caxias, no Rio de Janeiro e outros tantos milhões para recuperar Paulínia, lá em São Paulo. E, portanto, a Petrobrás poderia dizer: nós não vamos construir uma nova refinaria. O que nós temos discutido internamente? Construir ou não uma



nova refinaria não pode ser uma decisão com uma visão apenas da Petrobrás. Não pode ser uma decisão apenas da empresa, em função dos seus interesses de ganhar mais ou de ganhar menos. É, sobretudo, uma definição estratégica do modelo de desenvolvimento que nós queremos para o país. E o Nordeste brasileiro merece que se tenha na região mais uma refinaria, porque nós estamos pagando para refinar o nosso petróleo lá fora. É uma decisão de Estado, é uma decisão de governo e isso não nos negaremos a fazer.

Pois bem, estamos, agora, discutindo a reforma tributária e a reforma previdenciária. Vocês, deputados, podem ficar certos que eu fico até às 03 horas da manhã ouvindo os discursos de vocês. E alguns teimam em dizer que a proposta de política tributária e previdenciária é do governo federal. Não é. A reforma previdenciária, sobretudo, se fosse apenas por conta do governo federal, eu não teria mandado. Sabem os governadores de estado que a proposta previdenciária é, sobretudo, de interesse dos estados brasileiros, e não do governo federal. E a proposta tributária que eu mandei para o Congresso Nacional também não era minha, era uma proposta que tinha a assinatura dos 27 governadores no mesmo espaço da assinatura do Presidente. Foram feitas mudanças na Câmara dos Deputados? Foram. E foram feitas com uma certa naturalidade, porque lá é o espaço em que a sociedade está representada coletivamente, os partidos estão representados, e é lá que vocês precisam discutir as mudanças, mesmo.

Na reforma tributária é a mesma coisa. Eu dizia ao governador Paulo Souto que nós temos ajustes a fazer e vamos fazê-los. E vamos fazê-los sempre pensando que quem deve ganhar com o resultado final de qualquer política tributária são os 170 milhões de brasileiros.

Estes dias eu vi, nos jornais, que tal estado levou vantagem sobre outro. Vocês, deputados, sabem quais os deputados que fizeram acordos, sabem quais os governadores que pediram para fazer um acordo. O Presidente da República nem estava lá. Portanto, nós ainda temos duas possibilidades de



equilíbrio – uma no Senado e outra na Câmara.

O que eu queria pedir para vocês é que levem em conta uma única coisa: muitas vezes, este país não deu certo em grandes momentos históricos. E quero lembrar apenas um, aqui. Poucos presidentes tiveram oportunidades como teve o meu antecessor, com a implantação do Real. E, depois, se jogou tudo por água abaixo, porque a reeleição passou a ser a coisa mais importante.

Este país precisa se dar uma chance. Este país precisa começar a eleger governantes que não pensem apenas na próxima eleição, mas que tenham, pelo menos, a competência de pensar nas próximas gerações, de pensar o que nós queremos para este país, daqui a 20 ou 30 anos. É preciso construir a base para que este país possa garantir que, daqui a 20 anos, nós estejamos participando ativamente como se fôssemos um país do Primeiro Mundo, do ponto de vista educacional.

Eu vejo a discussão sobre educação, sobre alfabetização. Não há estrutura de Estado que consiga resolver o retrocesso educacional a que este país foi submetido durante muito tempo. Está aqui o Ministro da Educação. 52% das crianças que estão, hoje, na quarta ou quinta série sabem ler, mas não sabem interpretar um texto e 59% não sabem fazer as quatro operações. Isto porque nós ainda continuamos pensando na quantidade, ao invés de pensar na qualidade.

Alfabetizar 15 ou 20 milhões de pessoas não é uma tarefa que o governador Paulo Souto, da Bahia, possa resolver. E muito menos o Ministro da Educação. Eu disse nesta semana: ou nós temos competência de envolver a sociedade, e cada segmento organizado da sociedade para que assuma a responsabilidade de cumprir com a sua parte ou, daqui a 20 anos, ainda estaremos lamentando o fato de não termos alfabetizado este país. Porque, no Brasil, sempre se questionou que determinados investimentos, como na educação, custavam muito dinheiro e não se poderia fazê-los. E hoje, a nossa responsabilidade é perguntar a cada um de nós mesmos quanto custou ao



Brasil a gente não ter feito o que deveria ter sido feito há 40 ou há 50 anos.

Acho importante esse debate que se dá no Brasil. O Brasil é fantástico. Uma coisa que acho fantástica no Brasil é isso: economista, quando está na oposição, tem todas as soluções para os problemas brasileiros. Quando ele assume o governo, já não tem tanta. E os que estavam, que não tinham, quando saem, voltam a ter solução para tudo. Mas deputado também é assim. Acho isso riquíssimo. Acho que é isso que me motiva a acreditar que a democracia tem os seus defeitos, mas ninguém ainda inventou nada melhor do que a democracia. Nada. Ninguém inventou nada melhor do que a democracia.

Às vezes, vejo o deputado Aleluia obstruindo os trabalhos – e eu querendo ir dormir, querendo que a votação se dê logo – e fico pensando: bom, mas essa é uma coisa bonita, porque a obstrução é um instrumento que só pode ser dado à oposição. De vez em quando, fico pensando: por que a situação fala tanto? Situação não fala, vota. O Ulysses Guimarães fazia isso conosco, na Constituinte. Ele deixava todo mundo falar à vontade, mas quando tinha que votar, montava-se o bloco: vota-se. Essa é a coisa rica que acho que vocês não podem nunca perder de vista.

Acho que é importante ter clareza e isso vale para os estados, vale para a União: acho que tem o tempo de briga; tem o tempo em que nós vamos disputar; tem o tempo em que nós vamos para a rua, disputar voto; e tem o tempo em que a gente tem que se dedicar a este país. Até porque tem projetos que não são desse ou daquele partido político, não são desse ou daquele deputado, muito menos desse ou daquele Presidente da República. É preciso construir os projetos que sejam da nação brasileira, que sejam deste país.

E nós vamos tentar, conversando com todos os segmentos da sociedade. Podem ficar tranquilos, companheiros deputados de todos os partidos políticos. Não se preocupem com o discurso, porque no dia em que eu tiver que conversar com vocês, vou conversar sem nenhum preconceito, até porque sei a diferença do discurso político da defesa de uma tese e sei o



quanto é importante um governador, um prefeito ou um presidente da República conversar com o seu Poder Legislativo, para que a gente possa encontrar solução para os dramas maiores deste país.

Por isso, eu queria agradecer à direção da Pirelli, que há 75 anos acreditou neste país, que assumiu comigo, e com o ministro da Educação, no estado do Acre, o compromisso de alfabetizar todos os analfabetos do Acre; à direção da Pirelli, que, sensibilizada pelo discurso e pela meiguice da nossa ministra Marina Silva, resolveu comprar toda a borracha produzida pelos seringueiros do estado do Acre. E Deus queira, Marina, pelo que eu ouvi do discurso do Presidente da Pirelli, que os nossos seringueiros possam quadruplicar a sua produção, porque quanto mais eles produzirem, mais vão ganhar dinheiro e mais vai melhorar a qualidade dos pneus que a Pirelli vai produzir. Há até alguns pneus com a marca Chico Mendes, marca Xapuri, o que é uma coisa extremamente importante para uma região que tinha praticamente morrido do ponto de vista comercial, na questão da borracha. Quero agradecer a direção da Pirelli por essa credibilidade e por essa participação nas políticas sociais que o governo tem feito.

Quero agradecer ao Prefeito de Feira de Santana. Espero que o Prefeito tenha pelo menos colocado no papel o custo da parte do entorno que ele cobrou porque, no escuro, fica difícil assumir um compromisso. De qualquer forma, Prefeito, eu lhe dou um conselho de amigo: primeiro, não pare de brigar pelo seu entorno e pela sua obra; segundo, você pode colocar isso no papel e entregar ao governador Paulo Souto. Ele pode me entregar, pode entregar ao ministro Jaques Wagner, pode entregar a um deputado, pode entregar a quem você quiser, porque você receberá uma resposta, nunca negativa, porque negativa é quando a gente passa a idéia de que nunca vai fazer. E eu não posso passar essa idéia para você, porque não quero diminuir a sua esperança. Quero que você continue com esperança e, quem sabe, se Deus me ajudar, a gente possa não só manter a esperança, mas, quem sabe,



participar da inauguração dessa obra que você entende tão importante para Feira de Santana.

Quero dizer ao governador Paulo Souto que nós vamos levar muito a sério o momento de negociação da política tributária. Volto a repetir e quero dizer aqui, publicamente: eu não tenho projeto de política tributária. Eu não faço de uma proposta uma questão de honra. Eu peço a Deus que a sabedoria dos deputados, dos senadores, dos governadores e do governo federal possa, depois de todas as divergências, produzir para este país uma proposta de política tributária que desonere a produção, desonere as exportações e que possa fazer com que o Brasil se torne muito mais competitivo na sua relação comercial do que é hoje.

É com essa esperança, essa expectativa, que eu trabalho. E tenho certeza de que o resultado será o melhor que o Brasil já teve, em nível de política tributária.

Quero terminar agradecendo a vocês, parabenizando a Pirelli mais uma vez e, sobretudo, parabenizando os empregados. Não sei se vocês perceberam, mas a média de idade dos funcionários aqui é menor do que a da seleção brasileira, o que significa que essa meninada ainda vai dar muitos frutos para Feira de Santana, para a Bahia, para o Brasil e para a própria Pirelli.

Muito obrigado.

/rss/cms/vpm/lrj